



pequenos
leitores II

SOMOS TODOS IGUAIS



Parte II

O jogo é para todos



pequenos
leitores II

A Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa
da Cidade de São Paulo, a Cyrela, o Instituto Cyrela
e a Neohype apresentam

SOMOS TODOS IGUAIS

Parte II
O jogo é para todos

Apoio



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

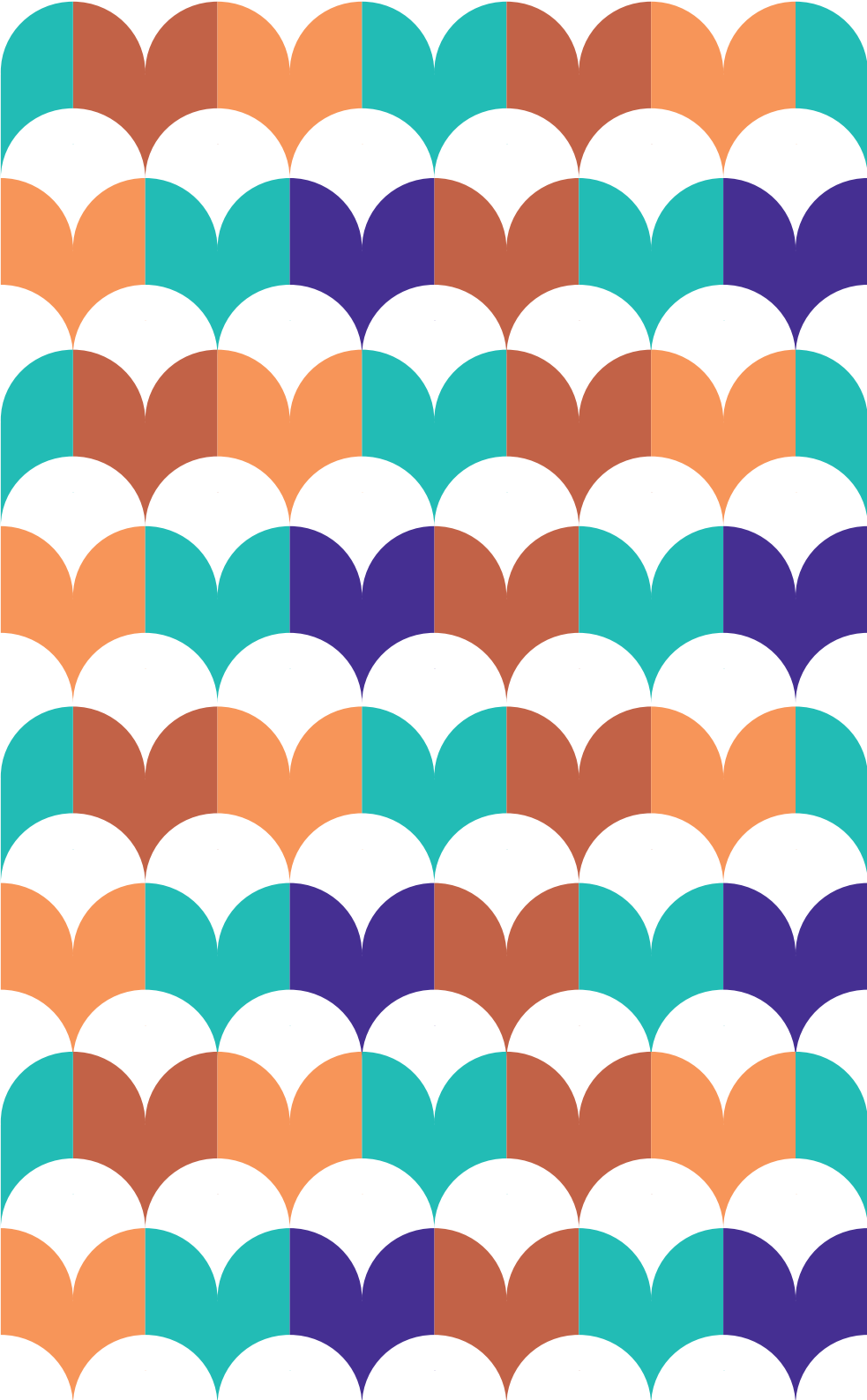
Patrocínio

CYRELA



INSTITUTO
CYRELA





Era dia de brincar no parque da escola.
O sol brilhava no céu, combinando
com a alegria das crianças.



Os tênis batiam no chão, as mochilas ficavam largadas de lado, e o ar estava cheio de risadas, correria e expectativa. Era daqueles dias em que ninguém queria que o tempo passasse rápido.



— Vamos inventar um Jogo do Parque! —
sugeriu Guilherme, já pulando
e gesticulando.



Ele adorava desafios e já imaginava
todos correndo juntos pelo parque.

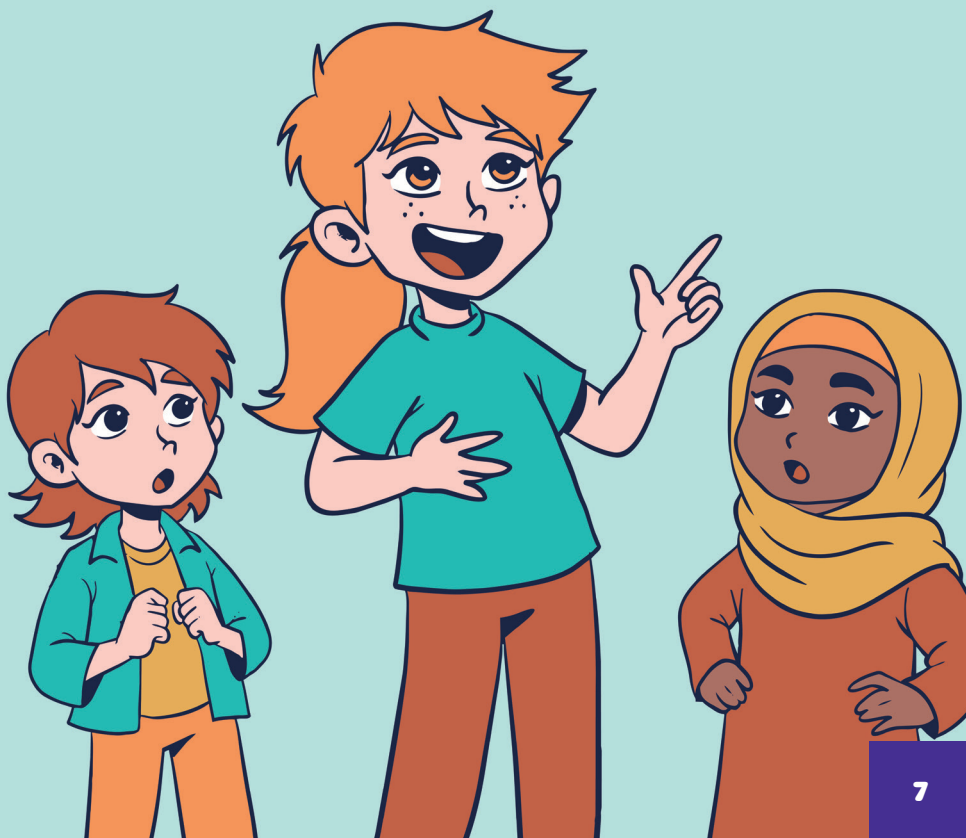
— Um jogo grande, com várias partes!
— completou, empolgado.

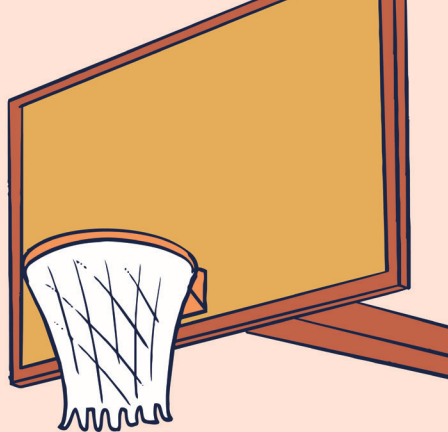
Os olhos da turma começaram
a brilhar com a ideia.

Paula, sempre organizada,
começou a pensar em voz alta:

— Pode ter corrida, arremesso, e talvez
um caminho com obstáculos!

Ela desenhava no ar enquanto falava,
como se já visse tudo pronto. As crianças
se aproximaram, curiosas para participar.





Fernanda apontou para a cesta
de basquete lá no alto:

— Quem acertar mais bolas ganha!

Ela já pegava a bola, pronta para testar.
Para ela, quanto mais movimento, melhor.

As regras começaram a surgir, uma em cima da outra,
cada criança acrescentando uma ideia diferente.

As ideias vinham tão depressa que
ninguém conseguia escutar direito.

Logo, todos falavam ao mesmo tempo.

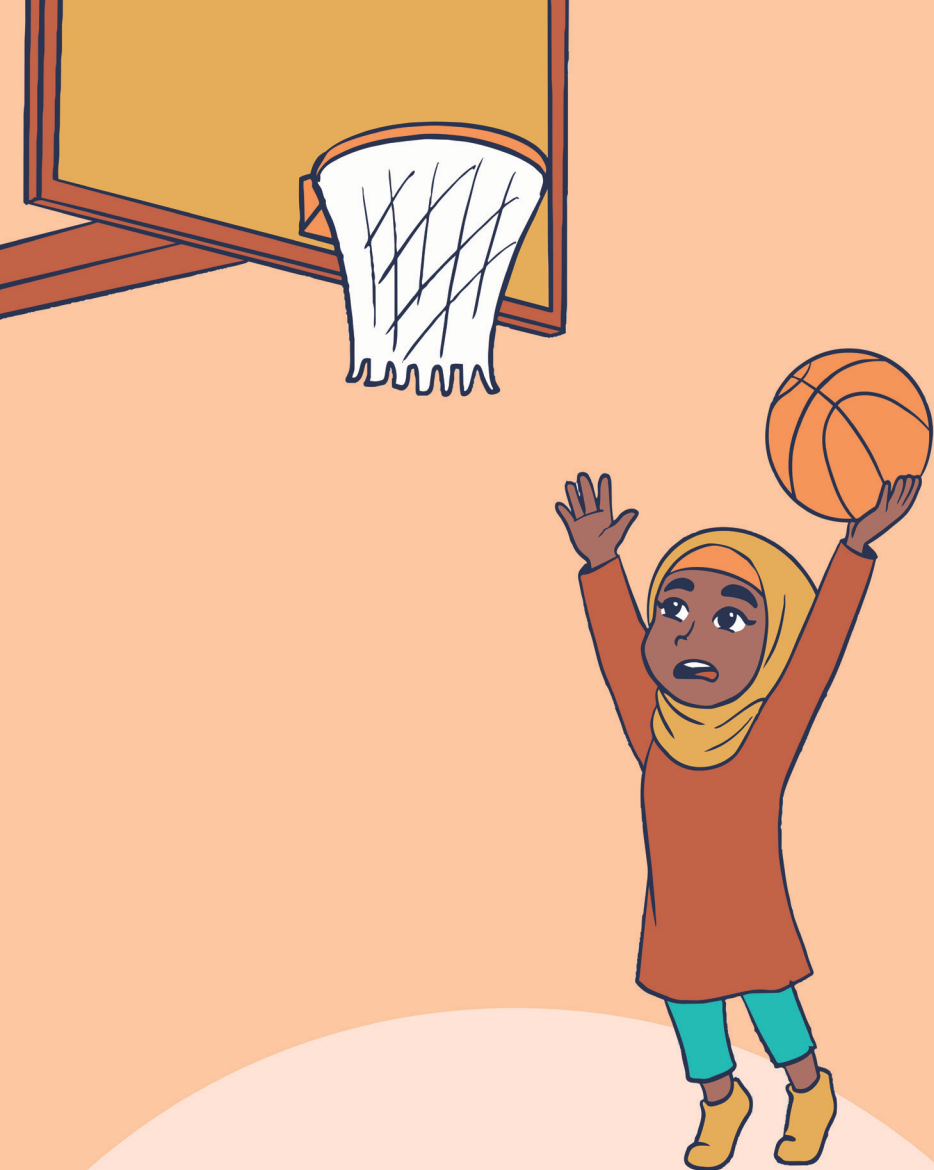


— Vamos! — gritou Guilherme,
saindo correndo como um foguete.
Ele disparou pelo parque, cheio
de energia.

Mas Thiago ficou parado,
olhando para os lados.

— Era para ir para onde mesmo?
— murmurou, sem saber como
acompanhar.





Camila pegou a bola com cuidado
e tentou mirar na cesta.

Ela esticou os braços, ficou na ponta
dos pés e tentou mais uma vez.

— Eu não alcanço — disse,
olhando para a cesta.



Júlia observava atentamente os colegas,
tentando acompanhar todas as regras.

— Pode repetir mais devagar? Não consigo
entender — pediu, com gentileza.

Mas a brincadeira já estava
correndo rápido demais.

A empolgação começou a mudar de forma. Alguns ainda corriam e riam, mas outros estavam quietos.

Alguns continuavam brincando. Outros observavam sem saber como participar.



Tuane, sempre atenta aos sentimentos, se aproximou de Paula.

— Acho que nem todo mundo está conseguindo brincar — sussurrou.

Seus olhos iam de um colega ao outro, percebendo os detalhes. Paula ficou pensativa, talvez Tuane estivesse certa.

Fernanda voltou correndo para falar
com elas, ainda animada:

— O jogo está ótimo!

Mas ouviu a conversa das
amigas e não gostou.

— Mas as regras são iguais
para todo mundo! Achei
que isso fosse justo.



A professora Betânia, que observava de longe, se aproximou com calma.

Ela se abaixou para falar com as crianças.

— As regras são iguais para todos — disse pausadamente — mas será que estão sendo justas?

A pergunta ficou no ar. As crianças se olhavam enquanto pensavam no que a professora disse.





As crianças se juntaram, um pouco confusas.

— Não é a mesma coisa? — perguntou
Guilherme, franzindo a testa.

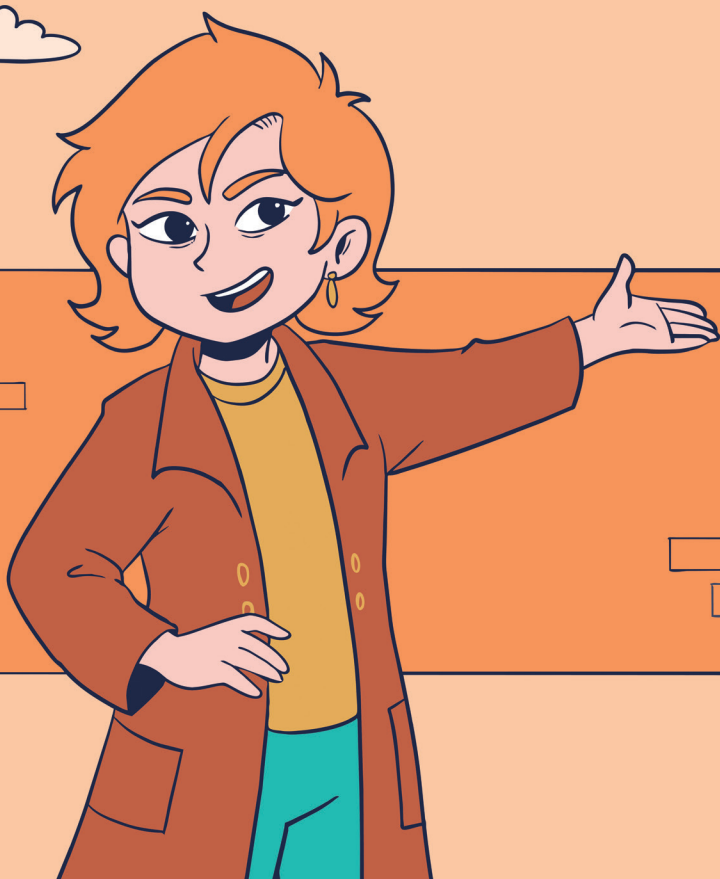
A turma ficou em silêncio. Ninguém
tinha pensado nisso antes.

A professora apontou para um canto
do parque, perto do muro.

— Imaginem que todos querem ver
o que tem do outro lado.

Ela caminhou até lá, convidando
o grupo para ir junto.

Os olhos das crianças brilharam
de novo, curiosos.



A professora colocou alguns apoios iguais no chão.

— Imaginem que todos receberam o mesmo apoio — explicou.



Alguns subiram facilmente e olharam por cima.

Mas outros não conseguiam subir.

Thiago olhou para o apoio e balançou a cabeça.

— Mesmo com esse apoio eu não consigo ver —
disse. — Eu precisaria de outra solução.

Tuane percebeu o que estava acontecendo.
Mesmo com o mesmo apoio, nem todos
conseguiam participar da mesma forma.



- Dar a mesma coisa para todos parece justo.
- Mas será que funciona para todo mundo?
- Ou será que, às vezes, cada pessoa precisa de algo diferente para participar?



A pergunta fez todo mundo pensar de verdade. Paula arregalou os olhos, entendendo o que a professora disse.

- A gente pode mudar o jogo! Vamos criar um jogo em que cada criança consiga participar do seu jeito.

Era como se tudo começasse a fazer sentido. Os outros começaram a se aproximar.

Guilherme apontou para a cesta novamente:

— A gente pode baixar a cesta!

— E também criar outros jeitos de marcar pontos! — Ele já imaginava o jogo ficando mais divertido.



Tuane sugeriu com calma:

— E a gente pode explicar as regras devagar e repetir.

Ela falava com cuidado, pensando em todos.

— Até desenhar, se precisar! O importante é todo mundo entender.

Fernanda respirou fundo e pensou um pouco.

— Eu posso correr junto com quem quiser ir mais devagar.

Ela não queria brincar sozinha. A graça da brincadeira era todo mundo participar junto.



Camila sorriu, aliviada:

— Se a cesta ficar mais baixa, eu consigo!

Agora ela já parecia mais confiante. Só precisava de um pouco mais de tempo para entender o jogo.

Júlia completou:

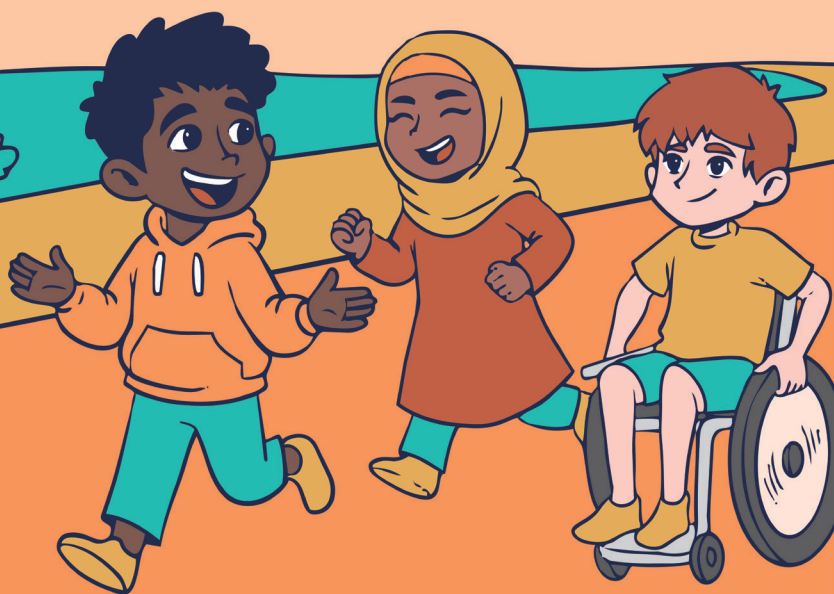
— Se vocês falarem de frente para mim e desenharem as regras, eu consigo acompanhar melhor. Eu também posso ajudar desenhando.

As crianças assentiram, prestando mais atenção. Pequenos gestos começavam a mudar tudo.



Logo o parque estava diferente.

A cesta foi ajustada, o percurso ganhou mais espaço, as regras foram desenhadas no chão com giz e as crianças ajudaram umas às outras.



REGRAS



Quando recomeçaram, algo
tinha mudado no ar.

As risadas agora vinham
de todos os lados.

Ninguém estava de fora. A brincadeira
era diferente e mais divertida, porque
agora todos brincavam juntos!



Thiago acertou a cesta e abriu um sorriso enorme.

— Consegui! — comemorou.

Guilherme levantou os braços junto com ele.

A vitória agora era compartilhada
por todos os amigos.



Camila completou o percurso
no seu ritmo, com Fernanda correndo
ao seu lado, acompanhando.

— A gente conseguiu! —
disseram juntas.

Era mais divertido assim.

Paula girou feliz e disse:

— Quando ninguém fica de fora,
a brincadeira fica melhor!

A frase soou como música
e todos concordaram.





A professora Betânia sorriu, orgulhosa:

— Isso se chama equidade. É uma palavra difícil, mas a ideia é simples: não é dar sempre a mesma coisa para todo mundo. É cuidar para que cada pessoa tenha o que precisa para participar.

Naquele dia, as crianças aprenderam algo muito importante: para ser justo, nem sempre basta fazer tudo igual. Às vezes, é preciso adaptar as regras para que todos consigam participar.



Eles entenderam que cada um tem seu jeito e que, para brincar junto, é preciso escutar, adaptar e cuidar para que ninguém fique de fora.



Assim, o jogo ficou mais justo,
mais divertido e tinha espaço
para cada criança.

Naquele dia, ninguém ficou de fora.

Coordenação Editorial

Arte Ensaio Editora
Silvana Monteiro de Carvalho
Paula Paixão

Produção

Rafa Barros

Texto

Ingrid Freitas
Iohanna Sanches

Ilustrações

Maria Fernanda Martins

Projeto Gráfico / Design

Fernanda Mello

Revisão de Texto

Julia Neves

Impressão

Gráfica Coan

© Arte Ensaio Editora, 2026.
Todos os direitos reservados.
www.arteensaio.com.br
arteensaio@arteensaio.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Somos todos iguais : parte I : cada um com o seu jeito / [texto Ingrid Freitas, Iohanna Sanches ; ilustrações Maria Fernanda Martins ; design Fernanda Mello]. -- Rio de Janeiro : Arte Ensaio, 2026.

ISBN 978-65-87141-75-6

1. Diversidade - Literatura infantojuvenil
2. Inclusão - Literatura infantojuvenil 3. Respeito - Literatura infantojuvenil I. Freitas, Ingrid.
II. Sanches, Iohanna. III. Martins, Maria Fernanda.
IV. Mello, Fernanda.

26-368448.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

As crianças inventam um jogo no parque, mas logo percebem que nem todo mundo consegue brincar do mesmo jeito. Com a ajuda da professora Betânia, elas descobrem uma palavra importante: equidade. Afinal, tratar todos igual nem sempre é o mais justo — às vezes é preciso escutar, adaptar e cuidar para que ninguém fique de fora. Uma história sobre equidade, inclusão e a alegria de brincar junto.

Apoio



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

Patrocínio

CYRELA



INSTITUTO
CYRELA

